

LIDANDO COM A LINGUA INGLESA À SUA PRÓPRIA MANEIRA:
ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DE LÍNGUA INGLESA

Vitalino Garcia OLIVEIRA
(Universidade Federal de Goiás - Campus Jataí)

RESUMO: O advento da abordagem comunicativa trouxe, como consequência, uma mudança de foco por parte dos pesquisadores, que passaram a considerar o aprendiz como elemento central, em detrimento do método. Em outras palavras, este passou, de mero coadjuvante, a protagonista das pesquisas relacionadas ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Tal fato levou os estudiosos a considerarem não só os diferentes estilos de aprendizagem, como também as variadas estratégias implementadas na conquista da mesma. Dessa forma, apresentamos, neste artigo, o resultado de uma pesquisa-ação desenvolvida com dois alunos de um centro de línguas: um de nível elementar e outro de nível intermediário. A metodologia de pesquisa escolhida foi o estudo de caso, e os instrumentos de coleta de dados foram os seguintes: questionários, narrativa e entrevista. O objetivo geral foi investigar as estratégias de aprendizagem empregadas pelos mesmos, enquanto os específicos foram: (1) comparar as estratégias de aprendizagem utilizadas por ambos os participantes entre si e em relação à literatura da área; (2) verificar uma possível influência do referido centro de idiomas em algumas das estratégias utilizadas, especialmente em relação ao participante de nível intermediário. Os resultados corroboram outros estudos alusivos ao tema e apontam para a influência da instituição em algumas das estratégias utilizadas pelo participante de nível intermediário.

PALAVRAS-CHAVE: estratégias de aprendizagem; alunos de nível elementar e intermediário; língua inglesa

ABSTRACT: The advent of the communicative approach brought, as a consequence, a focus change from researches, which started considering the learner as a central element, instead of the method. In other words, they moved from the role of a mere adjunct to being the protagonist of the foreign languages teaching and learning research. This led researches to consider not only the different learning styles, but also the various strategies implemented in achieving it. Thus, we present, in this paper, the result of an action-research carried out with two students at a language center: one from the elementary level and the other one from the intermediate level. The research methodology chosen was the case study, and the data collection instruments were: questionnaires, interviews and narrative. The overall aim was to investigate the learning strategies employed by them, while the specific ones were: (1) to compare the learning strategies used by both participants between themselves and with the literature of the area, (2) to verify a possible influence of that language center in some of the strategies used, especially in relation to the intermediate level participant. The results corroborate other studies depicting the theme and point to the influence of the institution in some of the strategies used by the intermediate level student.

KEY-WORDS: *learning strategies; elementary and pre-intermediate students; English language*

Introdução

Os estudos sobre as estratégias de aprendizagem têm início na década de 60 do século XX. Entretanto, é a partir da década de 70 que Rubin (1975) e sua obra *What the “good language learner” can teach us* impulsionam os estudos sobre o tema. Na década de 90, O’Malley e Chamot (1990), Oxford (1989), e Wenden (1991), dentre outros, contribuem para a popularização do tema junto aos pesquisadores (conf. VILAÇA, 2010, p. 210). No Brasil, tais estudos se intensificam a partir do século XXI, com autores como Araújo-Silva (2006), Cardoso (2005), Vilaça (2003), dentre outros.

Neste trabalho, investigamos as estratégias de aprendizagem de dois alunos de um centro de línguas: um de nível elementar e outro de nível intermediário. O objetivo geral foi investigar as estratégias de aprendizagem empregadas pelos mesmos, enquanto os específicos foram: (1) comparar as estratégias de aprendizagem utilizadas por ambos os participantes entre si e em relação à literatura da área; (2) verificar uma possível influência do referido centro de idiomas em algumas das estratégias utilizadas, especialmente em relação ao participante de nível intermediário.

Organizamos este artigo em quatro partes. Na primeira seção, apresentamos o referencial teórico, na qual tratamos sobre as estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras conforme proposta de Oxford (1989). Na segunda parte, trazemos a metodologia escolhida para a realização do estudo, detalhando sua natureza, o contexto investigado, os participantes, os instrumentos empregados na coleta de dados e a análise dos resultados. Na terceira seção, analisamos e discutimos os resultados obtidos. Finalmente, trazemos as considerações finais do estudo.

Referencial teórico

Os primeiros estudos acerca das estratégias de aprendizagem tiveram início na década de 60 do século passado, impulsionados pelo fortalecimento do campo da Psicologia Cognitiva (WILLIAMS; BURDEN, 1997). De acordo com Rubin (1987), a intenção dos pesquisadores era entender como os alunos bem sucedidos aprendiam. Esse mesmo autor argumentava que as estratégias de aprendizagem fossem ensinadas aos alunos malsucedidos como forma de desenvolver as habilidades de que necessitavam. Em outras palavras, o que este defendia era que alunos com dificuldades de aprendizagem pudessem ser treinados com as estratégias utilizadas pelos aprendizes bem sucedidos, como forma de melhorar seu desempenho no estudo da língua estrangeira em questão. Embora questionamentos em relação à eficácia do ensino de estratégias tenham surgido, apontando outros fatores que influenciariam a aprendizagem de uma língua estrangeira (a exemplo dos fatores afetivos), o interesse pelo estudo do bom aprendiz ainda é realidade atualmente.

O’Malley e Chamot (1990) e Oxford (1989) criaram as classificações mais usadas com o objetivo de descrever as estratégias de aprendizagem de uma língua estrangeira. A taxonomia de O’Malley e Chamot (1990) divide as estratégias em 3 grupos:

metacognitivas, cognitivas e sócio/afetivas. Na classificação de Oxford (1989), utilizada neste trabalho, as estratégias são divididas, inicialmente, em dois grandes grupos abrangentes: as estratégias diretas - aquelas diretamente envolvidas no aprendizado da língua - e as estratégias indiretas - aquelas que apenas auxiliam no processo de aprendizagem. Estas se subdividem, posteriormente, em três outros grupos cada. No grupo das estratégias diretas temos as estratégias de memória, as cognitivas e as de compensação, enquanto que o das estratégias indiretas engloba as estratégias metacognitivas, sociais e afetivas, definidas a seguir.

Estratégias de Aprendizagem	
Estratégias de memória	dizem respeito à compreensão e produção de novos enunciados através da manipulação e da transformação da língua alvo pelo aprendiz.
Estratégias cognitivas	referem-se à compreensão e produção de novos enunciados através da manipulação e da transformação da língua alvo pelo aprendiz.
Estratégias de compensação	auxiliam na compreensão e produção da nova língua, apesar das limitações no conhecimento que o aprendiz possa apresentar.
Estratégias metacognitivas	dizem respeito ao planejamento, controle e avaliação da aprendizagem.
Estratégias afetivas	atuam na regulagem de emoção, atitudes, valores e motivação do aprendiz.
Estratégias sociais	dizem respeito à interação e cooperação com os outros.

Tabela 1 – Tipos de Estratégias de aprendizagem

Tendo em vista a ênfase dada à relação entre estratégias e bom desempenho, vários estudos têm sido feitos quanto à eficácia de ensinar os aprendizes no uso de estratégias de aprendizagem. Os defensores desse ensino argumentam que elas são ferramentas importantes para desenvolver a competência comunicativa dos alunos, ajudando-os a se tornar melhores aprendizes de língua (LESSARD-CLOUSTON, 1997). Sendo assim, segue a revisão de literatura de dois trabalhos que se dedicaram a esse tema.

Em sua dissertação de mestrado, Araújo-Silva (2006) investigou o uso de estratégias de aprendizagem de duas turmas nos dois últimos semestres de um curso de Letras com licenciatura em inglês/português e suas respectivas literaturas de uma universidade pública do Rio Grande do Sul. Os resultados indicaram, dentre outras coisas, que as estratégias cognitivas foram as preferidas em ambas as turmas, seguidas pelas estratégias sociais e de compensação; as estratégias metacognitivas ocuparam a terceira posição em uma turma e a quarta posição na outra; as estratégias afetivas foram as menos utilizadas por ambas as turmas. O referido autor verificou ainda que os alunos, apesar de

utilizarem um número razoável de estratégias de aprendizagem, nem sempre estavam atentos à adequação e à produtividade delas. O autor sugeriu então que o foco do professor não estivesse apenas no conteúdo ensinado, mas também na forma com que os alunos respondiam à sua proposta pedagógica e encaravam a aprendizagem.

O estudo de Ying-Chun (2009) encontrou associação entre o uso de estratégias de aprendizagem e os padrões de uso de estratégias de acordo com o nível de proficiência do aprendiz. De forma geral, os participantes do estudo relataram que as estratégias mais utilizadas por eles eram as estratégias de compensação, sendo as afetivas as menos utilizadas. Quanto mais proficientes os alunos, mais estratégias utilizavam, estando as cognitivas e metacognitivas listadas como as mais usadas, e as estratégias de memória aquelas às quais eles recorriam menos. Os alunos menos proficientes faziam mais uso das estratégias de memória e menos das estratégias sociais.

Neste trabalho, fazemos uso dos procedimentos de alguns dos estudos aqui citados, com propósitos e resultados convergentes e divergentes em relação à literatura da área.

Metodologia

Realizamos, neste trabalho, uma pesquisa-ação que teve como modalidade específica o estudo de caso de dois alunos de inglês como língua estrangeira – uma “bem sucedida” e outro não. Nossa intenção, ao usar o estudo de caso, foi investigar a experiência de aprendizagem e uso de estratégias daqueles que, segundo Stake (2000, p. 437), estavam “vivendo o caso”, a fim de compreender as suas impressões acerca das estratégias que utilizam, em sua experiência específica de aprendizagem da língua inglesa.

Utilizamos, neste estudo, os pressupostos da pesquisa-ação. Na área de aprendizagem de línguas estrangeiras, a pesquisa-ação nasceu da necessidade de vínculos mais próximos entre aqueles que pesquisam a sala de aula e aqueles que a vivenciam. De acordo com Rainey (2000), trata-se de um processo essencialmente reflexivo, em que professores investigam aspectos do processo de ensino e aprendizagem em que estão envolvidos, com o claro propósito de agir sobre eles. Em outras palavras, a pesquisa-ação volta-se para qualquer dos fatores envolvidos nesse processo, a fim de melhor qualificar o professor a uma contribuição efetiva para que o aluno obtenha conhecimento e aproprie-se da língua alvo em questão. Assim, o pesquisador é sempre participante, haja vista que investiga a sala de aula em que atua como docente.

Como instrumentos para a coleta de dados, utilizamos a versão brasileira do questionário SILL (*Strategy Inventory for Language Learning*), de Oxford (1989), um questionário informativo para coletar dados gerais acerca do estudo de língua inglesa dos participantes, além de narrativa e entrevista.

A pesquisa foi realizada no Centro de Línguas de uma universidade federal goiana. O Centro de Línguas é um projeto de extensão do curso de Letras (Inglês) da referida universidade, que oferece cursos de línguas estrangeiras e redação em língua materna para a comunidade. Além de atender à função social da universidade, seu propósito é fornecer formação para os estagiários que ali atuam, os quais são selecionados por sua proficiência na língua e são monitorados pelos coordenadores de área.

A fim de deixar claro para o leitor quem são as pessoas vivendo os casos aqui abordados, oferecemos a seguir algumas informações a respeito dos participantes envolvidos nesta pesquisa. Para garantir a privacidade deles, utilizamos os codinomes Sandro e Lanna, escolhidos por eles.

Sandro é um estudante de 35 anos, solteiro. Trabalha na construção civil como pedreiro e faz o curso noturno de Técnico de Edificações num instituto federal. Estuda inglês há mais de um ano e meio, após ficar longo tempo afastado dos estudos. Estes, para ele, aliás, constituem “a realização de um sonho” (Q) e uma “forma de se preparar melhor para o futuro” (Entrevista, doravante E.). Ele considera o inglês uma língua difícil e, por isso, se dedica às aulas com afinco. Além disso, essa língua “exige muito de memória, [é preciso ser] rápido e observador.” (Narrativa, doravante N.) Sandro considera-se um bom aluno, mas admite ter dificuldades na aprendizagem, principalmente no que se refere à pronúncia. Dentre as quatro habilidades ensinadas no curso (leitura, escrita, pronúncia e audição), afirma preferir a segunda, recurso mais utilizado em sua aprendizagem.

Lanna é solteira, tem 21 anos e cursa Ciências Biológicas numa universidade federal. Ela estuda inglês há cinco anos e considera a aprendizagem dessa língua como fundamental para um futuro melhor: “Na minha profissão é necessário saber inglês. Como [futura] pesquisadora e professora, eu preciso saber me comunicar com as pessoas. O inglês é um ponto positivo em minha carreira”. (E.). Considera-se uma boa aluna “de zero a dez, oito e meio” (E.), acredita que a melhor maneira de se aprender inglês é participando de atividades em grupo e ouvindo músicas: “Acredito que a melhor maneira de se aprender uma língua estrangeira seja a prática, que pode ser em grupo (conversação) ou ouvindo músicas” (E.). Embora ela considere o inglês uma língua difícil, acredita ser possível aprendê-la com esforço e perseverança: “Inglês não é fácil, mas também não é impossível de se aprender, [...] pessoas interessadas conseguem aprender bem...” (E.). Considerando estar num nível mais avançado dos estudos, ela resolveu diversificar, utilizando outros ‘métodos de aprendizagem’ conforme se pode observar a seguir:

Por [estar] em um estágio mais avançado, exijo mais de mim. Portanto, além de usar os materiais didáticos, ver filmes e ouvir músicas, pratico bastante a expressão oral com alguns colegas fora do ambiente escolar e leio artigos científicos e livros em inglês. (N.)

Ao procedermos à análise dos dados, adotamos os pressupostos da pesquisa quantitativa para a análise dos questionários, e da pesquisa qualitativa para a análise das narrativas e entrevistas. Nos questionários, fizemos o levantamento do percentual de estratégias utilizadas por cada um dos participantes nas distintas classificações,

comparando-os posteriormente. Quanto às narrativas, realizamos uma leitura geral dos dados buscando encontrar informações complementares, que nos possibilitassem entender melhor o insucesso de Sandro e o sucesso de Lanna no processo de aprendizagem de língua inglesa. As entrevistas serviram para esclarecer eventuais dúvidas em relação aos questionários e narrativas. A análise e a discussão dos dados serão apresentadas a seguir.

Análise e discussão dos dados

Conforme explicitado anteriormente, foi utilizada nesta pesquisa a versão brasileira do questionário SILL (*Strategy Inventory for Language Learning*) de Oxford (1989), que se estrutura a partir de estratégias diretas (de memória, cognitivas e de compensação) e estratégias indiretas (metacognitivas, afetivas e sociais). Dessa forma, o referido questionário apresenta nove itens sobre estratégias de memória, catorze sobre estratégias cognitivas, seis sobre estratégias de compensação, nove sobre estratégias metacognitivas e seis sobre estratégias sociais.

Assim, Considerando nosso objetivo geral - *investigar as estratégias de aprendizagem empregadas por ambos os participantes* – procedemos agora à apresentação e discussão das estratégias mais e menos utilizadas por Sandro e Lanna.

Em relação à parte A do questionário (estratégias de memória), Sandro respondeu ser os itens 5 (*Uso rimas para lembrar as novas palavras*); 6 (*Uso cartões-relâmpagos para lembrar as nova palavras em inglês*) e 7 (*Dramatizo fisicamente as palavras novas em inglês*) os menos utilizados, enquanto os itens 4 (*Lembro-me de uma palavra nova fazendo uma imagem mental da situação na qual a palavra poderia ser usada*) e 8 (*Frequentemente faço uma revisão das lições*) foram os mais utilizados.

Quanto à parte B, (estratégias cognitivas), os mais utilizados foram os quesitos 18 (*Primeiro dou uma lida rápida depois volto e leio cuidadosamente*) e 21 (*Descubro o significado das palavras decompondo-as em partes que eu entenda*). Já os itens menos utilizados foram os de número 13 (*Uso as palavras em inglês que eu reconheço de formas diferentes*); 16 (*Leio em inglês por prazer*); 19 (*Procuro palavras em português que são semelhantes às novas palavras em inglês*); 22 (*Tento não traduzir palavra por palavra*) e 23 (*Faço sumário das informações que ouço ou leio em inglês*).

Na parte C, (estratégias de compensação), por sua vez, o critério mais utilizado pelo participante foi o de número 24 (*Para entender palavras desconhecidas, eu tento adivinhar seu significado*). Já o menos utilizado foi o 27 (*Leio em inglês sem olhar cada palavra nova no dicionário*).

Em relação à parte D (estratégias metacognitivas), Sandro aponta os itens 30 (*Tento criar o máximo de oportunidades para usar meu inglês*); 31 (*Observo meus erros em inglês e uso isto para ajudar-me a melhorar*); 32 (*Presto atenção quando alguém está falando em*

inglês); 37(*Tenho objetivos claros para melhorar minhas habilidades em inglês*) e 38 (*Penso sobre meu progresso na aprendizagem do inglês*) como os mais utilizados. O menos utilizado é o de número 35 (*Procuro pessoas com quem eu possa falar em inglês*).

No que se refere à parte E (estratégias afetivas), o critério mais utilizado pelo participante é o 44 (*Converso com outras pessoas sobre como me sinto quando estou aprendendo inglês*). Os menos utilizados, por sua vez, foram os seguintes: 39 (*Tento ficar calmo(a) sempre que fico com medo de usar o inglês*) e 40 (*Encorajo-me a falar inglês mesmo quando receio cometer erros*).

Finalmente, em relação à parte F (estratégias sociais), Sandro aponta como itens mais utilizados os de número 45 (*Se não entendo algo em inglês, peço a outra pessoa para falar mais devagar ou para repetir*) e 48 (*Peço ajuda a falantes nativos*). Como menos utilizados, ele citou os de número 47 (*Pratico inglês com outros alunos*); 49 (*Faço perguntas em inglês*) e 50 (*Tento aprender sobre a cultura dos falantes de inglês*).

Em relação às estratégias menos utilizadas por Sandro, gostaríamos de destacar as seguintes como inibidoras do processo de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira: 22; 27; 39 e 40. Tais estratégias demonstram que Sandro: fica preso ao dicionário no momento da leitura; não consegue controlar seu nervosismo ao utilizar a língua inglesa e tem receio de cometer erros ao falar a língua-alvo. Sobre essa sua insegurança, afirma: “estudo muito, escrevo para decorar, pesquiso materiais na *internet*, mas quando chega a hora [em] que preciso usar os conhecimentos me atrapalho e acabo esquecendo.” (Sandro, N.)

Lanna, por sua vez, em relação à parte A do questionário (estratégias de memória), respondeu como sendo suas estratégias mais utilizadas as de número 2 (*Escrevo frases com as novas palavras em inglês como forma de memorizá-las*); 6 (*Uso cartões-relâmpagos para lembrar as novas palavras em inglês*); e 8 (*Frequentemente, faço uma revisão das lições*). Já a estratégia menos utilizada é a de número 4 (*Lembro-me de uma palavra nova criando uma imagem mental da situação na qual a palavra poderia ser usada*).

Quanto à parte B, (estratégias cognitivas), os mais utilizados foram os itens 10 (*Digo ou escrevo novas palavras em inglês varias vezes*); 12 (*Pratico os sons do inglês*); 13 (*Uso as palavras em inglês que eu reconheço de formas diferentes*); 19 (*Procuro palavras em português que são semelhantes às novas palavras em inglês*) e 23 (*Faço sumário das informações que ouço ou leio em inglês*). Os itens menos utilizados foram os de número 18 (*Primeiro faço uma leitura rápida depois volto e leio cuidadosamente*); 21 (*Descubro o significado das palavras decompondo-as em partes que eu entenda*).

Na parte C, (estratégias de compensação), os critérios mais utilizados por Lanna foram os de número 24 (*Para entender palavras desconhecidas, eu tento adivinhar seu significado*) e 28 (*Tento adivinhar o que a outra pessoa dirá em seguida em inglês*), enquanto o menos utilizado foi o de número 25 (*Quando eu não consigo me lembrar de uma palavra, eu faço gestos*).

Em relação à parte D (estratégias metacognitivas), Lanna apontou como preferidos os itens 31 (*Observo meus erros em inglês e uso isso para me ajudar a melhorar*); e 32 (*Presto atenção quando alguém está falando em inglês*). Já a estratégia menos utilizada é a de número 34 (*Planejo minha agenda de forma a ter tempo suficiente para estudar inglês*).

No que se refere à parte E (estratégias afetivas), os critérios mais utilizados pela referida participante foram os de número 39 (*Tento ficar calmo(a) sempre que fico com medo de usar o inglês*) e 42 (*Observo se estou tenso(a) ou nervoso(a) quando estou estudando ou usando inglês*); Os critérios de número 40 (*Encorajo-me a falar inglês mesmo quando receio cometer erros*) e 44 (*Converso com outras pessoas sobre como me sinto quando estou aprendendo inglês*) foram os menos utilizados.

Finalmente, em relação à parte F (Estratégias Sociais), a participante apontou como item mais utilizado o de número 47 (*Pratico inglês com outros alunos*). Os itens menos utilizados foram os de número 46 (*Peço aos falantes nativos ou pessoas mais proficientes para me corrigir quando falo*) e 48 (*Peço ajuda a falantes nativos*).

Como se pôde observar pela análise acima, Lanna apresenta um repertório de estratégias mais variado que Sandro. Assim, a quantidade, associada com a qualidade com que essas estratégias são utilizadas, a nosso ver explicaria o sucesso dessa participante enquanto aprendiz de língua inglesa. Assim, as estratégias 8; 23; 39 e 47 deixam claro que Lanna é uma aluna aplicada, sempre atenta àquilo que é ensinado em sala de aula, que faz as atividades sugeridas e, mais importante, que reflete sobre sua própria aprendizagem. Tudo isso parece conferir-lhe certa desenvoltura e autonomia, características essas que, somadas ao seu hábito de ouvir música e assistir a filmes na língua-alvo, permitem-lhe expandir a aprendizagem da língua inglesa para além da sala de aula.

Considerando nosso primeiro objetivo específico - *comparar as estratégias de aprendizagem utilizadas por ambos os participantes entre si e em relação à literatura da área* – confrontaremos as afinidades e as discrepâncias em relação ao uso das estratégias apresentadas por Sandro e Lanna, a partir da observância ao gráfico a seguir.

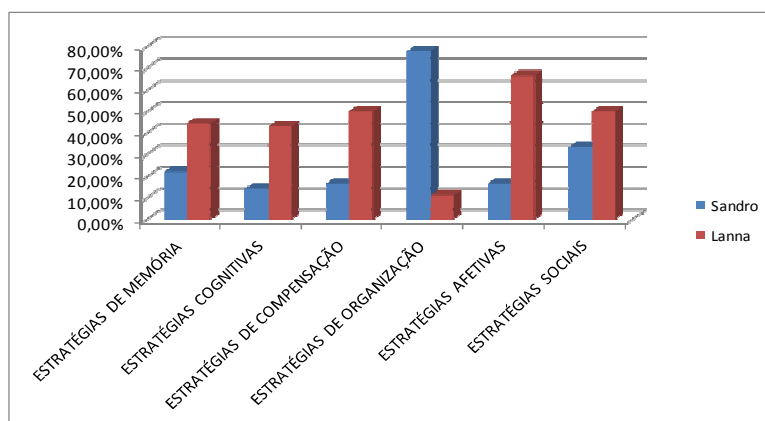


Gráfico 1 – Estratégias de Aprendizagem

Conforme apresentado anteriormente, as estratégias diretas dividem-se em: de memória, cognitivas e metacognitivas (ou de compensação). As indiretas, por sua vez, dividem-se em: de organização, afetivas e sociais. Em se tratando das estratégias diretas, embora Lanna apresente em média o dobro da frequência de uso global das mesmas em relação a Sandro, chama-nos a atenção o baixo percentual de uso das estratégias em questão (em torno de 50%). A explicação para o fato de a participante ser uma aluna bem sucedida na aprendizagem da língua inglesa, mesmo utilizando um baixo percentual de estratégias, talvez esteja no fato de, segundo Cohen (1998) *apud* Araújo-Silva (2006, p. 29), não ser “a quantidade de estratégias de aprendizagem implementadas que fa[ça] a diferença na aprendizagem de LE [Língua Estrangeira], mas a qualidade de seu uso”.

Outro dado que chama a atenção no primeiro grupo refere-se ao uso das estratégias de memória. É que Lanna as utiliza com mais frequência que Sandro, respectivamente 44,44% e 22,22%. Tal resultado vai de encontro a outras pesquisas relacionadas ao tema, a exemplo de Oliveira e Lago (2010) e Paiva (1998). Oliveira e Lago (2010), em pesquisa desenvolvida num centro de idiomas com dois alunos de nível pré-intermediário, a fim de verificar as estratégias de aprendizagem que utilizam ao estudar inglês, verificaram que ambos os participantes (Chris e Angel) apresentavam o mesmo percentual de uso das estratégias de memórias, algo em torno de 60%. Já Paiva (1998), em pesquisa com 57 alunos de uma universidade federal em Minas Gerais, chegou à conclusão de que alunos com menor rendimento fazem mais uso das estratégias de memória em relação aos alunos mais bem sucedidos.

Em relação às estratégias indiretas, chama-nos a atenção o fato de Sandro utilizar 77,77% das estratégias de organização, enquanto Lanna, apenas 11,11% delas. Teoricamente, a aluna mais bem sucedida deveria utilizar mais estratégias de organização, fato constatado em pesquisas de Freitas (1998), e Vandergrift (2002), dentre outras. Entretanto, em Araújo-Silva (2006) encontramos resultado similar ao nosso. Assim, nesta pesquisa, as referidas estratégias ficaram em penúltimo lugar em relação ao número de ocorrências. Quanto às estratégias afetivas, o fato de Lanna utilizá-las de forma muito mais significativa que Sandro, também contraria resultados de outras pesquisas. É o caso de Araújo-Silva (2006), Conceição (1999) e Paiva (1998), dentre outros, em cujas pesquisas as estratégias afetivas foram as menos utilizadas por seus participantes.

Atendendo ao nosso segundo objetivo específico - *verificar uma possível influência do referido centro de idiomas em algumas das estratégias utilizadas, especialmente em relação ao participante de nível intermediário* - estabeleceremos a possível influência do centro de idiomas nas estratégias utilizadas por ambos os participantes.

Algumas das estratégias de aprendizagem utilizadas por Lanna que nos parecem ser influenciadas pelo centro de idiomas no qual estuda são: (1) leitura de materiais extra-classe, tais como livros literários; (2) escuta de músicas na língua-alvo como instrumento de aprendizagem; (3) observação de filmes com áudio e legendas em inglês: “Alguns professores pedem para assistir filmes com áudio e legendas em inglês e, com o tempo, tirar as legendas e ficar só com o áudio”(E.); (4) prática da oralidade fora da sala de aula: “sempre converso com colegas fora da sala de aula ou no MSN para praticar [a língua]” (E.)

Em relação a Sandro, as estratégias influenciadas pelo centro de idiomas relacionam-se principalmente àquelas ligadas à afetividade. Assim, podemos citar (1) o empenho de um professor em manter sua auto-estima elevada, mesmo em momentos de dificuldades:

Sim, esse professor pra mim ele foi o melhor que eu conheço. Ele nasceu pra dar aula, né? Além de gostar do que faz, você vê o interesse de ensinar, é diferente de outros professores de outras escolas que deixa[m] passar, que só copia[m] e você faz (...) você vê o interesse da pessoa... é outro... a pessoa quer que você aprend[a] mesmo. (E.)

(2) a presença do lúdico na sala de aula como ferramenta de aprendizagem, fator que contribui para a motivação do participante: “Lá no curso as aulas... tem humor... os professores são preparados pra da[r] aula sorrindo e fazer a gente aprender brincando...(...) é divertido estudar lá no curso, é bom estudar lá.” (E.)

Considerações Finais

Nesta pesquisa, investigamos as estratégias de aprendizagem utilizadas por dois alunos de um centro de línguas: um de nível elementar e outro de nível intermediário, identificando-as e comparando-as na tentativa de encontrar indícios que nos permitissem compreender como se dá o sucesso de uma e o insucesso de outro na aprendizagem de língua inglesa. Os resultados apontam, dentre outras coisas, para (1) uma maior utilização (não só qualitativa, mas também quantitativa) de estratégias por parte de Lanna; (2) uma maior autonomia e proficiência dessa participante na aprendizagem da língua inglesa; (3) um maior empenho por parte Sandro, entretanto sem os resultados de aprendizagem esperados, o que não raro é motivo de frustração; (4) o uso de estratégia mais tradicionais por parte de Sandro (memorização, uso de dicionário, por exemplo) em detrimento do uso

do lúdico por parte da participante (ouvir música, por exemplo); (5) a crença de ambos no domínio da língua inglesa como condição para um futuro profissional promissor.

Ao final deste trabalho, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que a aprendizagem se dá de diferentes formas de aprendiz para aprendiz e que depende de vários fatores externos à sala de aula, tais como: idade, gênero e motivação, dentre outros. Além disso, gostaríamos de chamar a atenção para a importância de o professor estar atento aos diferentes estilos de aprendizagem dos seus alunos, sendo capaz de identificar as dificuldades apresentadas e intervir positivamente para saná-las. Esta sensibilidade de perceber as necessidades do aprendiz é, a nosso ver, condição essencial para a formação de um aprendiz autônomo, capaz de buscar as informações desejadas e tirar delas o melhor proveito.

Referências

ARAÚJO-SILVA, G. B. **Estratégias de aprendizagem em sala de aula**: um estudo com formandos de Letras. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Letras. Santa Maria, 2006.

CARDOSO, J. S. **As estratégias de aprendizagem**: desenvolvendo um processo mais eficaz e autônomo de compreensão oral. 156 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Niterói, 2005.

CONCEIÇÃO, M. P. **Estratégias de aprendizagem utilizadas por adultos da terceira idade na aprendizagem de Língua Estrangeira (inglês)**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia, 1999.

FREITAS, A. C. de. Aprendizagem consciente = aprendizagem eficiente? In: **Letras & Letras**, Uberlândia, v.1, n.1, p. 59-72, 1998.

LESSARD-CLOUSTON, M. **Language learning strategies**: an overview for L2 teachers. Disponível em: <http://iteslj.org/Articles/Lessard-Clouston-Strategy.html>. Acesso em: 22 jun. 2012.

OLIVEIRA, V. G.; LAGO, N. L. Estratégias de aprendizagem de língua inglesa utilizadas por alunos de nível pré-intermediário. In: **Anais do VII Seminário de Línguas Estrangeiras**: a transdisciplinaridade e o ensino das línguas estrangeiras. Universidade Federal de Goiás, 2010, p. 161-170.

O'MALLEY, J.; CHAMOT, A. **Learning strategies in second language acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OXFORD, R. **Language learning strategies**: what every teacher should know. New York: Newbury House Publishers, 1989.

PAIVA, V. L. M. O. Estratégias individuais de aprendizagem de língua inglesa. **Letras e Letras**. Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 73-88, 1998.

RAINEY, I. Action research and the English as a foreign language practitioner: time to take stock. **Educational Action Research**, v. 8, n. 1, p. 65-91, 2000.

RUBIN, J. What the “good language learner” can teach us. **TESOL Quartely**, v. 9, p. 41-51, 1975.

_____. Learner strategies: theoretical assumptions, research history and typology. In: WENDEN, A.; RUBIN, J. **Learner strategies in language learning**. New York: Prentice Hall, 1987, p. 31- 40.

STAKE, R. Case studies. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2000. p. 435-454.

VANDERGRIFT, L. Orchestrating strategies use: toward a model of the skilled second language listener. **Language Learning**, v. 53, n. 3, p. 463-496, 2003

VILAÇA, M. L. C. **Estratégias na aprendizagem de língua estrangeira**: um estudo de caso autobiográfico. 158 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar de Linguística Aplicada). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

_____. A importância de pesquisas em estratégias de aprendizagem no ensino de línguas estrangeiras. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. 15, p. 208-220, 2010.

WENDEN, A. **Learner strategies for learner autonomy**: planning and implementing learner training for language learners. New York: Prentice Hall, 1991.

WILLIAMS, M.; BURDEN, R. L. **Psychology for language teachers**: a social constructivist approach. Cambridge: CUP, 1997.

YING-CHUN, L. Language learning strategy use and English proficiency of university freshmen in Taiwan. **TESOL Quarterly**, v. 43, n. 2, p. 255-280, 2009.